

Adrian Tejido/Divulgação



Alile Dara Onawale/Divulgação



Alile Dara Onawale/Divulgação

Alile Dara Onawale/Divulgação



“Na Estrada” (“On The Road”, 2012). Nesse período, lançou o .doc “Jia Zhangke, um Homem de Fenyang” (2014) e rodou curtas (“Quando a Terra Treme”). No certame de Melhor Filme Internacional deste Oscar, o cineasta compete com “Emilia Pérez”, com “A Garota Da Agulha” (Dinamarca), “A Semente do Fruto Sagrado” (thriller iraniano que representa a Alemanha, pátria onde seu realizador, Mohammad Rasoulof, está refugiado), e a animação da Letônia “Flow”.

À luz da recente oficialização de posse de Donald Trump na Casa Branca, seu controverso biopic, chamado “O Aprendiz” (“The Apprentice”), que pode ser visto hoje na Amazon Prime, colheu duas indicações ao Oscar que ninguém esperava. Sebastian Stan, que interpreta o atual líder dos EUA, vai concorrer ao prêmio de Melhor Ator, e Jeremy Strong (da badalada série “Succession”), vai disputar o troféu de Melhor Coadjuvante,

no papel do advogado Roy Cohn, espécie de mentor do político em sua juventude. Lançado em Cannes, na disputa pela Palma de Ouro, o filme de Ali Abbasi (cineasta escandinavo de origem iraniana respeitado por “Holy Spider”) quase teve sua estreia comercial vetada pelo comitê de campanha trumpista. O roteiro é centrado no processo de amadurecimento de Donald T entre os anos 1970 e a década de 1980 a partir da relação de aprendizado que ele estabelece com Cohn, que se contamina com o HIV em relações com diferentes parceiros. No auge de seu calvário físico, ele é renegado por seu pupilo, a quem ensinou as manhas sobre como vencer nos negócios no apogeu do capitalismo consumista. A Trump Tower é o primeiro dos acertos de seu “aluno”.

Conhecido pela ala nerd pelo papel do Soldado Invernal na franquia Os Vingadores, Stan foi laureado com o Globo de Ouro (e o

Urso de Prata da Berlinale) por outro longa, “Um Homem Diferente”, indicado à estatueta da Academia de Melhor Maquiagem. Na roda agora com “O Aprendiz”, ele tem como maior adversário Adrien Brody, em “O Brutalista”. Oscarizado em 2003 por “O Pianista”, o astro é a força motriz de uma produção de audaciosa engenharia visual (fotografada em 70mm), de 3h e meia de duração. Trata-se do painel histórico sobre o calvário de um arquiteto húngaro (papel de Adrien) na América do pós-Guerra, sob os auspícios de um milionário excêntrico (Guy Pearce, que concorre ao Oscar dos coadjuvantes). Brody e Stan tem que driblar ainda Colman Domingo (“Sing Sing”), Timothée Chalamet (que canta feito Bob Dylan em “Um Completo Desconhecido”) e Ralph Fiennes (“Conclave”).

Também não esperava no anúncio da Academia a menção ao nome do ator Jesse Eisenberg na listagem dos potenciais ganha-

dores do Oscar de Melhor Roteiro Original, por “A Verdadeira Dor”. Sua escrita, contudo, é notável, e ele ainda assina a direção, além de atuar ao lado de Kieran Culkin. Outro destaque do já citado seriado “Succession” (da MAX), no papel de Roman Roy, Kieran (irmão de Macaulay Culkin, de “Esqueceram de Mim”) fez jus ao favoritismo que arrasta desde as primeiras exposições públicas do longa de Eisenberg ao conquistar o Globo de Ouro de Melhor Coadjuvante. Concorrerá ao troféu da Academia nessa mesma categoria.

A nova empreitada atrás das câmeras de Eisenberg (astro de “A Rede Social”, de 2010) é de uma precisão suíça e de uma coragem espartana. O aspecto mais corajoso é a exploração de uma veia cômica para falar tanto de fantasmas do Holocausto quanto de vazios existenciais. Com enquadramentos rigorosamente lapidados (à altura dos olhos de seus personagens), Jesse constrói uma comédia dramática de atuações convulsivas sobre a viagem dos primos David e Benji Kaplan. Os personagens são vividos pelo próprio Eisenberg e por Kieran, que está uma força da natureza em cena, numa viagem pela Polônia da rota dos expurgos nazistas. Essa dramédia estreia aqui na semana que vem.

Todos esses artistas e todos esses longas aqui citados devem ganhar mais destaque comercial nas salas de projeção até o início de março, inclusive com apoio de grandes festivais do Velho Mundo. Roterdã, que começa no dia 30, vai projetar “O Brutalista” e “Ainda Estou Aqui” em sessões de gala. Já “Um Completo Desconhecido” ganha vitrine na Berlinale, que começa no próximo dia 13. No streaming, a Netflix já saliva pela inclusão de “Emilia Pérez” em seu menu, ansiosa pelos feitos de Jacques Audiard em nossos cinemas, no comecinho de fevereiro.

Atração de abertura do Festival do Rio, em outubro, “Emilia Pérez” nasceu para as telas no Festival de Cannes, em maio, e, depois, vendeu 1.067.268 tíquetes em seu país. Na Croisette, na disputa pela Palma de Ouro, Audiard ganhou o Prêmio do Júri pela saga (cantada em espanhol) de um chefão do tráfico do México, chamado Manitas, que transiciona e assume identidade feminina, renascendo como Emilia.

O papel é da espanhola Karla Sofia Gascón, que saiu de Cannes com um prêmio coletivo de atuação feminina compartilhado com Adriana Paz, Selena Gomez e Zoe Saldana. Essa última abocanhou o Globo de Ouro Atriz Coadjuvante. O filme ganhou ainda o Globo de Melhor Canção (“El Mal”). Karla e Audiard passaram pelo Brasil esta semana. Resta saber o quanto de dor de cabeça vão trazer para “Ainda Estou Aqui”.